

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO**

JOYCE MARINA LOPES DA SILVA

**LUTA QUE SE FORTALECE: ALAGOAS AVANÇA NA BUSCA PELO
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER**

**MACEIÓ
2021**

JOYCE MARINA LOPES DA SILVA

**LUTA QUE SE FORTALECE: ALAGOAS AVANÇA NA BUSCA PELO
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER**

Relatório técnico apresentado à
Universidade Federal de Alagoas (Ufal)
como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Laís Barros
Falcão de Almeida.

MACEIÓ
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586l Silva, Joyce Marina Lopes da.
Luta que se fortalece : Alagoas avança na busca pelo enfrentamento à
violência doméstica contra a mulher / Joyce Marina Lopes da Silva. – 2021.
50 f. : il.

Orientadora: Lais Barros Falcão de Almeida.

Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 47-48.

Anexo: f. 49-50.

1. Jornalismo digital. 2. Reportagem - Multimídia. 3. Violência contra as
mulheres. 4. Femicídio. I. Título.

CDU: 070:343.61-055.2

FOLHA DE APROVAÇÃO

Joyce Marina Lopes da Silva

Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Laís Barros Falcão de Almeida (Orientadora)

Profª. Dra. Janayna Ávila

Profª. Dra. Priscila Muniz de Medeiros

À minha filha, Isabela Sophie, minha luz e amor maior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo amor e cuidado em cada detalhe. Sem Ele e sua misericórdia em minha vida, eu não seria nada.

Agradeço a minha mãe, Nilza, pela dedicação diária a mim e a minha filha, por me motivar a cursar Jornalismo e por cuidar de tudo enquanto corro atrás dos meus objetivos. Ela é meu braço direito e o meu porto seguro. Ao meu pai por trabalhar duro, desde sempre, para dar a mim e aos meus irmãos a oportunidade de priorizar os estudos sem se preocupar em trabalhar cedo demais.

Ao meu esposo, Israel Marques, meu companheiro, pai da minha filha e meu segundo braço direito. Obrigada pela paciência e dedicação a nossa família. Te amo!

À minha irmã, Sara, por ser minha maior intercessora e minha amiga.

Aos meus queridos amigos Daniel Paulino, Nina Viviane, Clara Santos e Dayane Maria Oliveira (in memoriam), minha eterna amiga a quem também dedico este trabalho. Aos amigos que o COS me deu: Levy Costa e Mara Santos, sempre presentes durante os longos anos de formação acadêmica.

Às jornalistas que fizeram e fazem parte da minha formação: Elaine Rafaella, Gilca Cinara, Raíssa França, Vanessa Siqueira e Clara Vieira, e à publicitária Lilita Sarmiento.

Aos jornalistas: Marco Aurélio e Luciano Milano que foram fundamentais em meu desenvolvimento enquanto estagiária na Câmara Municipal de Maceió.

Aos professores do COS pelos ensinamentos ao longo dos quatro anos de curso. À minha orientadora, professora e doutora Laís Falcão.

“Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância.” Simone de Beauvoir

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo desenvolver uma reportagem multimídia sobre violência contra mulher em Alagoas, mas especificamente sobre a luta de entidades no enfrentamento à redução dos números de violência. Na reportagem apresentei organizações, associações e órgãos públicos, localizados em nosso estado, que desenvolvem trabalhos e meios de atender mulheres que sofrem de violência doméstica, física, psicológica e até patrimonial, buscando assim, reduzir o número de vítimas de violência doméstica, bem como de feminicídio no estado. Ao desenvolver a reportagem, baseada nos estudos de jornalismo digital, minha intenção foi ouvir, escrever e relatar histórias de mulheres que ajudam outras mulheres a se empoderar e encontrarem o próprio lugar no mundo, distante da violência que as cercou durante algum período de suas vidas.

Palavras-chave: Jornalismo digital. Reportagem multimídia. Mulher. Violência. Feminicídio.

ABSTRACT

This work aimed to develop a multimedia report on violence against women in Alagoas, but specifically on the struggle of organizations in the fight against the reduction in the numbers of violence. In the report, I presented organizations, associations and public bodies, located in our state, which develop works and means to assist women who suffer from domestic, physical, psychological and even patrimonial violence, thus seeking to reduce the number of victims of domestic violence, as well as of femicide in the state. When developing the report, based on digital journalism studies, my intention was to listen, write and report stories of women who help other women to empower themselves and find their own place in the world, far from the violence that surrounded them during some period of their lives.

Keywords: Digital journalism. Multimedia reporting. Women. Violence. Femicide.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	14
2.1 GERAL	14
2.2 ESPECÍFICO	14
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1 JORNALISMO DIGITAL	17
3.2 WEBJORNALISMO	19
3.3 JORNALISMO MULTIMÍDIA	22
3.4 REPORTAGEM MILTIMÍDIA	24
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	26
4.1 PAUTA	27
4.2 PRÉ-PRODUÇÃO	28
4.2.1 ANÁLISE DAS FONTES	28
4.2.2 SEQUÊNCIA DE ABORDAGEM	28
4.3 PRODUÇÃO	30
4.3.1 EQUIPAMENTOS	30
4.3.2 ENTREVISTA	31
4.4 PÓS-PRODUÇÃO	32
4.4.1 REDAÇÃO	32
4.4.2 EDIÇÃO	32
4.4.3 PRODUÇÃO VISUAL DA REPORTAGEM	32

4.4.4 WEB DESIGN	38
4.4.5 PUBLICAÇÃO	42
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	49

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista o objetivo de pôr em prática o papel social do Jornalismo e ensinamentos adquiridos ao longo dos quatro anos como aluna de Comunicação Social, busquei reunir e transmitir nesta reportagem produzida para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a luta de mulheres que estão na linha de frente no combate à violência de gênero em Alagoas, seja por meio de associação, entidade ou órgão público. Portanto, a abordagem da matéria é a luta pelo enfrentamento à violência contra as mulheres alagoanas, esse é o seu diferencial se comparada com outras reportagens sobre a temática.

A violência contra a mulher é um problema que há anos atinge muitas brasileiras e alagoanas, não apenas isso, como também vítima milhares delas todos os anos ao feminicídio (crime de homicídio incluso no rol de crimes hediondos). Até hoje, muitas delas ainda são violentadas, estupradas e mortas por, simplesmente, serem mulheres.

Ao longo dos anos, conquistamos marcos importantes no combate à violência. Entre eles: a implantação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e a criação da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), que serviu como pontapé inicial para a criação de outros mecanismos que fortalecem políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero.

Enquanto mulher e em breve, oficialmente jornalista, me senti no desejo de tratar do tema no meu trabalho de conclusão de curso. Ao longo deste relatório, menciono que a minha mãe foi vítima de violência doméstica e a temática sempre esteve presente em outros trabalhos desenvolvidos para a academia.

Embora seja um tema considerado comum, o diferencial é que escolhi fazer uma reportagem para informar mulheres, principalmente as alagoanas, sobre como a violência pode e está sendo enfrentada, pois existem profissionais trabalhando incansavelmente para que as violências acabem.

Além disso, a reportagem multimídia veiculada em site traz uma facilidade na divulgação, e aqui, destaco a importância do jornalismo digital para a era tecnológica em que vivemos. Por isso, desenvolvi a matéria com base nos estudos do jornalismo digital, seguindo os princípios éticos do jornalismo, como também, obedecendo os processos de produção da reportagem, desde a pauta até a edição.

A reportagem multimídia foi pautada e desenvolvida com o intuito de apresentar ações efetivas realizadas por associações como a Associação Para Mulheres (AME), como órgãos

públicos a exemplo da Patrulha Maria da Penha da Polícia Militar de Alagoas e campanhas desenvolvidas pelo Ministério Público de Alagoas, que buscam realizar projetos com o objetivo de reduzir o número de mulheres vítimas de seus próprios companheiros.

A reportagem multimídia, intitulada de “Luta que se fortalece: Alagoas avança na busca pelo enfrentamento à violência doméstica contra a mulher”¹, conta a história da Patrulha Maria da Penha (PMP), comandada pela Major Márcia Danielli, personagem entrevistada pela reportagem. A PMP foi criada com o objetivo de cumprir a lei com efetividade no estado. O trabalho vem sendo desenvolvido há mais de dois anos e já atendeu centenas de mulheres em situação de violência em várias cidades de Alagoas.

A reportagem ouviu mulheres, que foram vítimas de seus companheiros, sendo que em situações completamente diferentes: uma teve a oportunidade de receber atendimento da PMP, já a segunda não teve amparo por parte do poder público. Por questões de segurança, as identidades das vítimas foram preservadas.

Na reportagem também citei exemplos como o da advogada Júlia Nunes, que fundou a Associação AME. Com o objetivo de dar assistência às vítimas fragilizadas, Júlia teve a sensibilidade de montar uma equipe composta por diversos profissionais, da área da saúde e jurídica, para serem voluntários.

Também busquei ouvir fontes especialistas sobre a violência contra as mulheres de Alagoas, como a Profa. Dra. Belmira Magalhães, especialista em questão de gênero que contribuiu para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso. Além do psicólogo e médico João Facchinetti, que trabalhou no combate aos vários tipos de violências; também apresentei dados atualizados dos anos de 2019 e 2020, bem como do período de quarentena por causa da pandemia de Covid-19, todos baseados no Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e Secretaria de Estado da Segurança Pública de Alagoas (SSP/AL).

¹ Disponível em: <https://tccagostolilas.wixsite.com/site>. Acesso em: 30 jun. 2021.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Produzir uma reportagem multimídia sobre violência contra a mulher, que apresente pessoas, órgãos governamentais e privados que trabalham incansavelmente para evitar que mulheres sejam vítimas de violência e feminicídio em Alagoas.

2.2 ESPECÍFICOS

- Realizar pesquisa bibliográfica sobre jornalismo digital e multimídia, reportagem e violência contra a mulher;
- Informar sobre violência contra a mulher, principalmente a população alagoana;
- Apresentar dados nacionais e locais sobre a violência contra a mulher;
- Divulgar ações que combatem violência contra a mulher e feminicídio em Alagoas para mostrar que as alagoanas não estão sozinhas nessa luta;
- Inspirar mulheres a sair do ciclo de violência denunciando seus agressores e buscando assistências em organizações capacitadas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Considerando que o exercício da profissão de jornalista é de natureza social e deve ter compromisso com a responsabilidade social e cumprindo os princípios descritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (artigos 3 e 6) – que considera que homens e mulheres devem ter direitos iguais e estabelece que todos, independentemente da cor, raça, sexo língua e religião, nascem livres e iguais em dignidade e direitos – o tema “Violência Contra a Mulher” é de relevância para a sociedade e comunidade acadêmica, pois se trata de violação e cerceamento de direitos básicos. Sendo assim, deve-se ser tratado de forma abrangente e constante para que as mulheres não se submetam mais a nenhum tipo de violência e que os homens compreendam que o sexo oposto não é e nunca foi propriedade deles.

Sabemos que a problemática da violência contra a mulher é antiga. No Brasil, desde o período escravocrata, a violência de gênero atinge mulheres de diferentes classes sociais, idades, cor. Durante muitos anos, as mulheres foram vistas como seres inferiores, eram proibidas de estudar, consideradas incapazes de votar – e eleger um representante, opinar e conviver em sociedade. O machismo e a ideia de submissão ao homem/marido – enraizada na cultura mundial ao longo dos séculos são os principais responsáveis por torná-las reféns da violência seja física, psicológica, moral e/ou patrimonial.

A luta das mulheres por direitos ocorre há pelo menos 200 anos, onde o marco aconteceu durante a Revolução Francesa, embora outras mulheres tenham, individualmente e coletivamente, protestado contra o patriarcado em outros momentos da história.

Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. (PINTO, 2009, p. 15).

Já no Brasil, o feminismo deu início à luta pelo direito do voto, que foi conquistado em 1932. Durante os anos, outras pautas feministas foram tomando forma, entre elas, o fim da violência contra mulheres.

Culturalmente, a violência doméstica sempre foi vista como uma questão familiar. Até os

dias de hoje, é possível ouvir de muitos que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Somente após o surgimento das primeiras vertentes do feminismo é que as mulheres iniciaram a luta contra o machismo e abordaram pautas de interesse delas. Foi então que o machismo passou a ser debatido e desconstruído, e a mulher passou a compreender que os seus direitos iam além de casar virgem e ter [muitos] filhos. Àquela época, a luta delas era por direito ao voto, ao divórcio e acesso livre ao mercado de trabalho.

[...] o movimento feminista vem se organizando e atuando em diferentes frentes reivindicatórias, que tratam de uma diversidade de mal-estares, como os direitos reprodutivos, a violência doméstica, o assédio sexual, a licença-maternidade, os salários desiguais, entre outros. A meta do movimento é atingir a equidade de gênero e, para isso, está empenhado na busca pelos direitos das mulheres. As reivindicações advindas com o movimento feminista, lograram grandes êxitos, que podem ser traduzidos em mudanças concretas como a conquista do direito de voto, a garantia de emprego e maior equidade nos salários, o direito ao divórcio e, em muitos países, o direito ao aborto. (MIRANDA, 2016, p. 42).

As conquistas mais recentes no enfrentamento à violência doméstica aconteceram nos anos de 2003, com a atualização do Código Civil que igualou os direitos entre ambos os sexos (Art. 1º Toda pessoa é capaz de direitos e deveres da ordem civil), e em 2006, quando o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei Maria da Penha que revolucionou a luta contra a violência de gênero no Brasil e definiu cinco formas de violência.

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano psicológico a nível de autoestima, por meio de ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (Lei Nº 11.340, de 2006).

Desde então, várias denúncias de violência doméstica chegaram à Justiça e muitas mulheres

livraram-se de serem vítimas de feminicídio. Apesar da conquista, o enfrentamento a este tipo de violência ainda precisa percorrer um longo caminho para erradicar de vez o problema e, enfim, tornar a violência contra a mulher algo abominável.

Com o intuito de fortalecer esta luta, órgãos e entidades no estado de Alagoas surgiram com a ideia de ajudar, ainda mais, no combate ao feminicídio e afastar mulheres do ciclo da violência. Embora elas (citadas na reportagem) tenham sido criadas há pouco mais de dois anos, já atenderam centenas de mulheres e as resgataram de relacionamentos abusivos, retirando-as do ciclo de violência.

3.1 JORNALISMO DIGITAL

Para definir o termo do formato da reportagem desenvolvida no referido TCC, o mais adequado é “jornalismo digital”, pois é o mais indicado. O que diferencia dos demais termos citados acima são as sete características muito bem definidas por Canavilhas (2014). São elas: a hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade.

Canavilhas explica ainda que a palavra hipertexto foi utilizada pela primeira vez por Theodor Nelson, nos anos 60. O termo foi definido como “uma série de blocos de textos ligados entre si por links, que formam diferentes itinerários para os leitores” (NELSON apud LANDOW, 1992, p. 15). Ou seja, o hipertexto é a forma escrita de leitura não linear com blocos de informação ligados às palavras, parte de texto ou imagens e outras formas de multimídia.

Comparado ao jornalismo impresso, a web despertou no leitor a necessidade de facilitar a leitura e a navegação do internauta, acrescentando à página a possibilidade de incluir imagens, vídeos, áudios e até links que são remetidos à outra página. “A possibilidade de separar a informação em blocos informativos ligados através de hiperligações abre uma diversidade de itinerários de leitura tão vasta quanto o número de arranjos e combinações possíveis” (CANAVILHAS, 2014, p. 15).

Sobre a multimedialidade, Ramón Salaverría (2014) destaca que o ser humano, desde as primeiras formas de comunicação, utiliza-se da multimedialidade. Primeiro, através de gestos e grunhidos, depois com a fala, e ainda, há mais de 30000 anos, passaram a registrar imagens em

cavernas – onde não há dúvidas de que o homem daquela época encontrou, por meio dos desenhos, uma nova forma de transmitir mensagens, além da fala.

Com a evolução humana e da tecnologia, foram desenvolvidos novos elementos que podem compor uma mensagem multimídia de forma simultânea, como já vem sendo feito pelos portais de notícias na web. O conteúdo neste formato pode ser constituído por oito elementos, segundo Salaverría, são eles: o texto, a fotografia, gráficos, iconografia e ilustrações estáticas, vídeo, animação digital, discurso oral, música e efeitos sonoros e vibração. Para o autor, ainda há expectativa de, no futuro, novos elementos serem incluídos na lista.

Todavia, existem cada vez mais evidências de que no futuro iremos contar com novos formatos que irão apelar aos demais sentidos; isto é, além dos elementos direcionados para a visão e audição, passaremos a dispor de elementos tácteis e, quem sabe, até pode ser que passemos a receber informação através do olfacto e do paladar. (CANAVILHAS, 2014, p. 44).

A terceira característica que marca o jornalismo digital é a interatividade. Considerada uma das mais essenciais, a interatividade vai além do jornalismo feito por meio da web: ela é “um conceito ponte entre o meio e os leitores/utilizadores, porque permite abordar esse espaço de relação entre ambas as partes e analisar as diferentes instâncias de seleção, intervenção e participação nos conteúdos do meio.” (CANAVILHAS, 2014, p. 59).

Explica-se também que há dois tipos de modalidades de interatividade: a seletiva e a comunicativa. A primeira consiste na interação do ser humano com conteúdo, máquinas ou sistema, onde ele escolhe uma opção e o sistema responde; as opções interativas são: ligações hipertextuais, motores de buscas, infográficas, modalidade de personalização; já a comunicativa acontece entre pessoas, emissores e receptores podem trocar de papéis e ocorre em comentários, blogues, fóruns, entrevistas abertas, chats, envio de notas/fotografias/vídeos.

A memória é a quarta característica do jornalismo digital. A instantaneidade, quinta característica, também representa o jornalismo feito para a web. Bradshaw (2014) explica que a instantaneidade sempre esteve ligada ao jornalismo, no geral. Seja no consumo, produção e distribuição de notícias. O autor também destaca que o segredo da publicação online está no equilíbrio entre “a velocidade e a profundidade”.

A instantaneidade em publicação – não mais dependente das máquinas de impressão ou da programação de TV ou rádio – é a mudança mais visível. Historicamente, os processos de produção de notícias têm sofrido restrições por

limitações físicas – os repórteres tinham de recolher informação para a estória, escrevê-la ou editá-la em algum tipo de unidade de produção e, então, passá-la para outros que a reeditavam, diagramavam, programavam, imprimiam e distribuíam. Cada estágio dependia do trabalho realizado na etapa anterior. Era como uma linha fabril, com planilhas e prazos de entrega visando entregar o produto na hora determinada. A digitalização e a convergência oferecem novas formas de ganhar dinheiro a partir do mesmo conteúdo, mas também perturba o ritmo da linha de produção. (CANAVILHAS, 2014, p. 121).

Lorenz (2014) explica a personalização, sexta característica do webjornalismo, destacando a importância da informação na internet.

Personalização ou o ato “personalizar” descreve as atividades de “fazer ou alterar as especificações individuais ou pessoais” (Heritage, 2000). Uma pequena variação dessa definição é dizer que a personalização é “fazer (algo) de acordo com as necessidades individuais dos clientes.” (Dicionário Collins, 1991). Em suma, quando trabalhamos neste espaço, o nosso objetivo fundamental não é criar um produto ou serviço uniforme. (CANAVILHAS, 2014, p. 145).

O sétimo princípio do jornalismo na era digital é a ubiquidade. Pavlik (2014), em seu artigo, explica que a ubiquidade é definida por “ser encontrado em todo lugar”. Ele aponta consequências desta característica para o jornalismo deste século. A primeira, conforme o autor, é “emergência do jornalismo cidadão ao redor do mundo”; a segunda é “o crescimento de novas formas narrativas geolocalizadas e imersiva”. A terceira “crescimento do Big Data e do jornalismo orientado por dados”; já a quarta característica refere-se ao “declínio da privacidade e sua substituição por uma sociedade da vigilância global”.

A missão e os valores fundamentais do jornalismo numa democracia sempre foram definidos segundo seu papel de provedor de informação independente sobre temas de importância pública. Os cidadãos acreditam na independência, imparcialidade e honestidade da mídia para tomar decisões racionais sobre como votar e atuar em quaisquer outras situações como membros responsáveis da sociedade civil. Na era digital, o valor do jornalismo na sociedade está se expandindo. Os cidadãos fazem mais do que simplesmente obter informação de fontes noticiosas. Eles contribuem para o fluxo informacional. Assim, o valor do jornalismo deve ser alargado para abarcar a crescente natureza participativa das notícias em um mundo conectado. (CANAVILHAS, 2014, p. 186 e 187).

3.2 WEBJORNALISMO

O webjornalismo iniciou-se como uma versão do jornal impresso, mas com o tempo, foi direcionando suas próprias características

Suas ferramentas têm como principal objetivo prender a atenção do leitor para que ele permaneça na leitura do texto até o fim, como também, de atrair mais cliques e visualizações.

Quanto à relação entre a materialidade e a imaterialidade discursivas, Verón (1985, p. 211) destaca os dispositivos de ‘apelo’, quais sejam: os títulos, subtítulos, chapéus etc. Dessa forma, o autor referencia os aparatos físicos, como os títulos, mas os define como ‘dispositivos de apelo’, ou seja, eles não marcam apenas limitadores gráficos, mas se constituem como elementos capazes de operacionalizar um conjunto de sentimentos/ sensações quanto ao que indicam. É por meio dessas chamadas que o leitor irá se sentir instigado a mergulhar nos textos propostos. O dispositivo atua, dessa forma, como elemento capaz de despertar o interesse, motivar o processo comunicacional e, em especial, a situação de troca, tendo por referência o estabelecimento de lugares. (DALMONTE, 2009, p. 62).

Além disso, o custo financeiro do webjornalismo é bem menor comparado aos outros meios de comunicação, pois não é necessário o uso de materiais físicos como papel, impressoras, antenas de transmissão, etc.

O custo infinitamente menor da produção do webjornalismo comparada à pesada indústria do jornalismo convencional (papel, parque gráfico ou antenas e transmissores, esquema de distribuição ou de radiodifusão etc.) impulsiona a proliferação de sites exclusivos na rede e de versões digitais de conteúdo dos jornais impressos, das TVs e das rádios, sem contar a não necessidade de concessões governamentais para adquirir canais e frequências. (PRADO, 2011, p. 03).

Outra característica do webjornalismo é a rápida interação do leitor. Antes do surgimento da internet e do ciberjornalismo, os leitores interagiam com os jornais impressos por cartas, tendo uma sessão exclusiva no jornal apenas para elas. Já na web, a interação é contínua e imediata.

Representando e consolidando uma revolução no modelo de produção e distribuição das notícias, surge de maneira ainda que muito tímida, a primeira geração do webjornalismo. A primeiro momento, a produção de texto dos jornais impressos, em sua grande maioria, os veículos de comunicação nacional, era quem contribuía para que os sites pudessem ser atualizados e “parecia não haver preocupações com relação a uma possível forma inovadora de apresentação das narrativas jornalísticas” (Mielniczuk, 2003). Os textos eram publicados com a mesma estrutura e sem muitas adaptações e atualizações para o meio digital.

É muito interessante observar as primeiras experiências realizadas: o que era chamado então de jornal online na web não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias. Este parco material era

atualizado a cada 24 horas, de acordo com o fechamento das edições do impresso. (MIELNICZUK, 2003, p. 8).

Marcada pelos avanços tecnológicos e com outras evoluções, a segunda geração do webjornalismo ainda continuava refém do modelo de jornalismo impresso, mas acabou se rendendo um pouco mais com a exploração de recursos próprios da web, como hiperlinks, a linguagem HTML se ampliou passando a permitir o uso de ícones, imagens de fundo, botões com borda, tabelas, gráficos independentes, interação com os leitores, atualização com mais agilidade e outros recursos.

Ao mesmo tempo em que se ancoram no modelo do jornal impresso, as publicações para a web começam a explorar as potencialidades do novo ambiente, tais como links com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; o e-mail passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor ou entre os leitores, através de fóruns de debates; a elaboração das notícias passa a explorar os recursos oferecidos pelo hipertexto; surge a seções ‘últimas notícias’. (MIELNICZUK, 2003, p. 9).

Mesmo com todos os avanços, ainda que pequenos, apresentados nesta fase, era possível constatar que a vinculação ao modelo de jornal impresso ainda permanecia atrelada de maneira direta a credibilidade e a rentabilidade financeira que este produto agregava às empresas jornalísticas.

É na terceira geração que surgem as primeiras iniciativas, tanto empresariais quanto editoriais destinadas para construção de um jornalismo feito exclusivamente para a web, que buscava a sua própria identidade se esquivando dos padrões de jornalismo até hoje consolidados, além disso, foi a partir desta geração que buscava-se explorar todas as potencialidades da nova mídia.

Um dos primeiros e, talvez, principal exemplo desta situação seja a fusão entre a Microsoft e a NBC, uma empresa de informática e uma empresa jornalística de televisão, ocorrido em 1996 (Estado, 1997). O www.msnbc.com é um site de jornalismo, mas que não surgiu como decorrência da tradição e da experiência do jornalismo impresso. (MIELNICZUK, 2003, p. 9).

Buscando romper de maneira definitiva com a hegemonia do texto verbal na web e com a ideia de uma versão na web atrelada ao modelo do jornal impresso, a terceira geração passa a fazer uso de maneira maciça dos recursos audiovisuais de tal forma que a nova mídia não é mais uma, mas sim várias, com a interligação da TV e do rádio.

Conforme os recursos foram surgindo, o webjornalismo passou a se tornar uma continuação, ou até mesmo uma extensão das mídias tradicionais, além de ter suas próprias especificidades.

3.3 JORNALISMO MULTIMÍDIA

Packer (2005) definiu que a linguagem multimídia está presente no mundo desde os tempos pré-históricos, quando o homem pintava nas rochas imagens de acontecimentos do cotidiano. No jornalismo multimídia é possível incluir formatos textuais e não textuais no mesmo espaço com o objetivo de permitir que a informação seja veiculada em formas e formatos diferentes.

Define-se como multimídia a combinação feita pela mídia estática (textos, imagens, infográficos) com a mídia dinâmica (vídeos, gifs, áudios, gráficos interativos), por isso, para se obter uma reportagem multimídia faz-se necessário a combinação do texto com as imagens, vídeos, infográficos, entre outras formas de mídias, cada um dialogando entre si numa perfeita sintonia.

A multimídia [característica do jornalismo digital], refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais. Isso só é possível em função do processo de digitalização da informação e sua disponibilidade em várias **plataformas**. Essa esfera se baseia em qualidades de interatividade, na relação do indivíduo com o conteúdo, ao permitir uma correlação entre mídia e linguagem. (FERRON, 2018, p. 1).

Canavilhas também classifica o texto, interatividade, hipertexto, som, vídeo, hiperligações, flash e 3D, flash, gráficos e áudio como elementos que compõe o jornalismo para web. Além destes, o autor explica que também há recursos importantes que podem ser usados no webjornal.

1) Distribuição. O webjornal pode enviar para os assinantes (caixa de correio eletrônico ou telemóvel) mensagens com os títulos e leads das notícias nas áreas escolhidas pelo utilizador. Este serviço poderá funcionar 24h/dia, acompanhando as actualizações do webjornal. 2) Personalização. Através de cookies ou de escolhas feitas pelo utilizador na hora da assinatura do serviço, o webjornal pode transformar-se num informativo pessoal que embora disponibilize a informação mais importante a cada momento, garanta uma primeira página onde se destaquem as áreas de interesse do utilizador. 3) Periodicidade. O webjornal não deverá ter periodicidade. A actualização é constante e os destaques de primeira página estão em constante mutação. Se os acontecimentos não têm periodicidade, as notícias também não. Por estar online, o webjornal está acessível à escala global, a utilizadores de diferentes fusos horários e, portanto, não se justifica acorrentar a cadência noticiosa a uma área geográfica específica.

É diante da modernização que o jornalismo se torna cada vez mais desafiador. Em um mundo cada vez mais conectado, é comum que aos poucos, possa haver uma adaptação dos jornalistas à versatilidade. O modelo de jornalismo que no passado havia se consolidado não condiz com o dinamismo atual das informações.

Ao longo do tempo, os empresários e profissionais da área compreenderam que existia a necessidade de o produto jornalístico ser veiculado e consumido em espaços diversos, e não só pelas mídias tradicionais como rádio, televisão e jornal. O desafio é quebrar a barreira e conforme cada plataforma, ajustar o texto e até mesmo a forma como a informação deve ser vendida e consumida.

No Ciberespaço a comunicação se dá em várias dimensões, apresenta a informação em diferentes formatos, potencializa e dinamiza o armazenamento e a recuperação de dados, amplia a autoria, permite a tele-ação, a sincronicidade, intensifica a interatividade, o diálogo. (RIBAS, 2004, p. 2).

Em 1806, foi publicado em Londres o primeiro gráfico informativo – leia-se infográfico – da história da imprensa. A ferramenta que acabou fazendo parte do jornalismo multimídia, é a informação gráfica, visual, que existe desde a primeira união comunicativa entre um desenho ou uma pintura enfatizada por um texto alusivo (DE PABLOS, 1999).

Boa parte das redações, que têm tradição no uso deste recurso, até hoje utilizam a metodologia mais tradicional de como trabalhar o infográfico, que é defendida pelo autor De Pablos (1999), onde o material deve conter título; texto de entrada – uma espécie de lead com informações gerais; indicação das fontes e assinatura.

O recurso contribui de maneira efetiva para a maior qualidade do material apresentado ao leitor, além de contar com recursos visuais diversos como fotografias, mapas, tabelas, ilustrações e diagramas.

Alguns autores consideram a infografia um gênero jornalístico (Alonso, 1998; De Pablos, 1999; Sojo, 2002), outros discordam da classificação e referem-se à infografia como uma técnica, uma disciplina, um recurso, uma ferramenta informativa, uma ilustração, uma unidade espacial (Colle, 1998; Clapers, 1998; Leturia, 1998; Cairo, 2004). (RIBAS, 2004, p.2).

3.4 REPORTAGEM MULTIMÍDIA

No Brasil, o formato da reportagem multimídia se tornou um expressivo gênero informativo do jornalismo. O formato de grande reportagem multimídia se destacou em 2013, com a reportagem “A Batalha de Belo Monte”, publicada pela Folha de São Paulo. (LONGHI 2015).

Numa outra iniciativa nesse sentido, em outubro de 2014, o portal Uol lança o Uol Tab, com a reportagem “Economia Compartilhada”, a primeira de uma série publicada toda a segunda-feira, que chega ao número de 30 edições neste 25 de maio de 2015. Apresentando textos longos, ilustrações, fotos e áudio, as matérias do Uol Tab tem se destacado por utilizar estratégias de interatividade com o leitor bastante completas, como participação em enquetes online, testes variados, etc. (LONGHI, 2015, p. 9).

Produtos noticiosos hipermediáticos que se utilizam de características da multimídia e do ambiente da internet surgiram em meados do ano 2000 e com o avanço do das ferramentas que dá acesso à web como o tablet, celular, computador, entre outras transformações tecnológicas acabam influenciando no jornalismo digital que sempre busca atualizações e inovações para suas produções. A escritora Raquel Ritter Longhi (2014) define esses produtos como:

[...]formatos noticiosos hipermediáticos, ou seja, aqueles produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contêm as características de multimídia, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da linguagem hipermediática e do ambiente digital e online de informação. (p. 901).

Ela explica que os especiais multimídia que marcaram o jornalismo online entre 2002 e 2010 foram produzidos com o *software Flash* e ficou definido como *Flashjournalism* (jornalismo que utiliza o *Adobe Flash* em sua apresentação). Porém, atualmente este formato é o menos usado e foi substituído pelo HTML 5 “que veio para suprir algumas desvantagens daquele software” (LONGHI, 2014, p. 909).

Longhi escreve que surge um ponto de virada definido por *long-form*, que são matérias com mais de 4 mil palavras ou grandes reportagens com 10 a 20 mil palavras. O termo é utilizado para definir artigos longos e com uma grande quantidade de conteúdo.

Exemplos de jornalismo long-form estão em grandes reportagens como a já referenciada *The long strange trip of Dock Ellis*, da ESPN, *Snow Fall*, do

NYTimes.com, ou NSA Files Decoded, do The Guardian, entre muitos outros. Trata-se de explorar o texto long-form, além de possibilidades de navegação e leitura mais imersivas. (LONGHI, 2014, p. 912).

A reportagem multimídia permite ao seu leitor uma verdadeira imersão pois apresenta grande quantidade de conteúdo, formato e linguagem diferenciada do jornal impresso, como sons que às vezes são colocados apenas para levar os leitores para determinados lugares ou situações. E a forma de criar este tipo de reportagem passou por várias mudanças, o que ocorre até hoje, pois ela vai se adaptando às atualizações da web e criações de novos formatos de mídia. Vale mencionar ainda a criatividade de jornalistas e web designers que vem trabalhando juntos na criação de reportagens multimídias inovadoras quanto à combinação de informação e design em sites.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

O Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) é, sem dúvidas, uma das maiores preocupações dos estudantes que ingressam no curso superior, em qualquer área, e comigo não foi diferente. Diante de tantos assuntos que surgem e nos interessam, escolher para tratar de um, especificamente, é o primeiro desafio a vencer. Ainda no quinto período passei a fazer pesquisas para encontrar o tema “perfeito” e após conversar com professores e pedir sugestões e longas pesquisas, o assunto “violência contra a mulher” veio de forma natural enquanto eu estava no estágio lendo uma matéria sobre casos de violência em Maceió no site – que tratava especificamente sobre o tema, noticiando matérias que envolviam mulheres e a violência, criado por um amigo jornalista.

Por ser mulher, e agora mãe de uma, o assunto sempre despertou em mim interesse de ampliá-lo e ao mesmo tempo mostrar às vítimas que vale a pena denunciar seu agressor.

A violência contra mulher está nos lugares que menos imaginamos, inclusive, dentro de lares onde tudo, aparentemente, é perfeito. Ela não escolhe cor, classe, escolaridade.

Durante anos, minha própria mãe (sobre)viveu em um relacionamento completamente abusivo. Seu ex, que faleceu devido ao uso excessivo de drogas e álcool, com quem teve três filhos, a espancava e batia nos próprios filhos. Na época ela não tinha com quem contar – a família morava longe, como também, era impedida, pelo medo de procurar ajuda em uma delegacia. A ela, restou apenas, sofrer calada e orar a Deus para não ser morta por ele.

Em seguida conheceu o meu pai, com quem teve duas filhas, eu e a minha irmã mais nova. Em suas orações, pedia a Deus que não permitisse que suas meninas passassem pelo sofrimento e violência que ela passou dentro de sua própria casa, pois, embora tenha sobrevivido aos tempos sombrios, restaram traumas, marcas e cicatrizes.

Entre outros motivos, esse é o maior, que faz eu me sentir feliz e satisfeita por tratar do tema e trazer às mulheres alagoanas a esperança de poder se livrar do ciclo violento. Contar as histórias de mulheres que venceram a violência doméstica e trazer o serviço prestado que tem mudado a vida de muitas, especialmente ao público feminino que tem passado pelas mesmas dificuldades que minha mãe passou um dia, faz com que eu sinta que, mesmo de maneira pequena, contribui de alguma forma, na luta em defesa da mulher.

Depois de descobrir sobre o tema que trataria, o segundo passo foi especificá-lo e definir em que formato seria divulgado. Quis trazer e mostrar, em minha um reportagem multimídia, o

avanço na luta contra este tipo de violência no estado de Alagoas, já que a maioria dos portais de notícia noticiam apenas os casos. Logo pensei: “mas, como posso ajudar estas mulheres a decidirem denunciar seus agressores?”.

Foi quando pesquisei sobre organizações, associações, plataformas e órgãos públicos que oferecem acolhimento às vítimas aqui em Alagoas. O que mais me chamou a atenção foi o crescimento no número de instituições interessadas em reduzir os dados de violência de gênero e tratar com a atenção que merecem estas mulheres. Este é o caso da Associação AME, presidida pela advogada militante da causa da mulher, Júlia Nunes, e da Patrulha Maria da Penha, comandada pela Major Danielli Assunção. Após pesquisas, o primeiro passo foi criar a pauta: antes de iniciar o processo de produção na prática, defini a pauta e especifiquei detalhes nela.

4.1 PAUTA

A pauta serve como “peneira” para definir o que é relevante e qual assunto é de interesse social e, assim, sejam levantadas discussões entre os leitores acerca do tema escolhido e publicado. Ela exige maior premeditação, principalmente quando se trata de uma grande reportagem, para que todo recurso de multimídia seja explorado e acrescentado à discussão.

Como parte importante do trabalho, a pauta foi desenvolvida baseada na apuração realizada. Os dados da pauta desta reportagem multimídia foram fundamentados no Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e Secretaria de Estado da Segurança Pública de Alagoas (SSP/AL). Duas mulheres, que um dia sofreram com a violência, constituem a matéria; uma professora pesquisadora da área da mulher também contribuiu com o material; um médico e psicólogo também contribuiu para as discussões; além das responsáveis pela AME e Patrulha Maria da Penha, bem como a diretora de comunicação do Ministério Público Estadual de Alagoas (MPAL).

Vale destacar que durante a procura de vítimas, encontrei dificuldades, pois a maioria sente medo e prefere se resguardar. Busquei ouvir e conversar com as mulheres, trazer duas histórias “iguais”, mas com desenrolar diferente, isto porque, uma foi atendida pela Patrulha Maria da Penha e a outra não teve a mesma oportunidade, já que na época em que viveu com agressor, Alagoas ainda não contava com associações que lutam em defesa da mulher.

A pauta deste trabalho encontra-se em anexo e foi desenvolvida especificamente para reportagem multimídia, com sugestões de imagens, vídeos, áudios, infográficos, entre outros, produzidos durante as entrevistas para serem incluídas na reportagem.

4.2 PRÉ-PRODUÇÃO

4.2.1 Análise das Fontes

Depois de definir todos os detalhes da pauta, passei a buscar fontes que auxiliaram no desenvolvimento da reportagem: fontes cotidianas, especialistas e oficiais. A internet também facilitou muito a comunicação e a forma de encontrar os contatos das assessorias de comunicação. Logo consegui definir as fontes oficiais e especialistas, porém, como citado acima, encontrei dificuldades em encontrar mulheres que sofreram violência doméstica e estivessem dispostas a contar para mim o seu relato.

As entrevistas foram marcadas por meio de mensagens instantâneas ou ligações telefônicas, conforme disponibilidade da fonte. Horários e locais também foram definidos a fim de aproveitar o tempo e a disponibilidade de todas. Apenas o médico e psicólogo foi entrevistado através do WhatsApp, onde enviei as perguntas que foram respondidas por áudio.

A vítima acolhida pela PMP foi indicada pela equipe policial que compõe a Patrulha: eles entraram em contato com ela e marcaram a entrevista na sede do Centro Especializado de Apoio à Mulher (CEAM) em uma manhã. Entre as acolhidas que estavam “aptas” a serem entrevistadas, apenas ela se dispôs a me contar sua história.

Já as demais me encontraram pessoalmente. A primeira foi a professora Belmira Magalhães, que me recebeu depois de uma aula na Universidade Federal de Alagoas; Janaína marcou em sua sala, na diretoria de comunicação do MPAL; Júlia Nunes e major Danielli também me receberam em seus escritórios.

4.2.2 Sequência de Abordagem

Com toda pauta definida e entrevistas marcadas, iniciei o processo da reportagem com as entrevistas às fontes já selecionadas. Elas foram realizadas de forma individual e, para colher

informações de fonte especialista, a primeira entrevistada foi a professora e doutora da Ufal, Belmira Magalhães.

Baseando-me na pauta, selecionei perguntas para direcionar a entrevista com o objetivo de absorver o maior número de informação possível para contribuir também com o desenvolvimento textual da reportagem. Embora estivesse com perguntas pré-selecionadas, a doutora Belmira trouxe o assunto de forma que fluísse naturalmente como uma conversa. Além de detalhar sobre suas pesquisas, ela também trouxe relatos de suas pesquisas de campo em bairros periféricos da cidade de Maceió que foram acrescentadas ao seu tópico “Machismo é responsável pela violência de gênero”, onde ela contou que uma mulher chegou a dizer que é violentada fisicamente pelo esposo porque o desobedece.

Depois de colher toda informação necessária da fonte especialista, segui com o cronograma de entrevistas. Vale destacar que, durante as entrevistas, informei que gravaria todo o diálogo para me auxiliar no momento da digitação e estruturação da reportagem.

A segunda entrevistada foi Janaína Ribeiro, diretora de comunicação do órgão que tem como um dos princípios defender os interesses sociais e individuais indisponíveis, o Ministério Público de Alagoas. Durante a conversa, Janaína compartilhou informações sobre a campanha Agosto Lilás, realizada pela instituição, todos os anos. A ação foi criada e desenvolvida pela comunicação do MPAL e contribuiu de diversas formas no combate à violência contra a mulher em Alagoas.

Em sequência, me dirigi à sede do CEAM, na Jatiúca, para encontrar-me com a major Danielli Assunção, primeira comandante da Patrulha Maria da Penha em Alagoas, que nasceu em 2018. Lá, ela relatou a mim todo processo de acolhimento às vítimas, além de contar também as formas de proteção que a Polícia Militar, por meio da PMP, tem realizado para manter a integridade física dessas mulheres. No mesmo dia solicitei da equipe uma mulher que estivesse recebendo atendimento e proteção.

A quarta entrevistada foi Júlia Nunes, advogada e presidente da Associação AME. Com ela, tentei encontrar uma mulher que estivesse disposta a participar do trabalho, mas não obtive êxito.

Preciso informar também que as entrevistas foram marcadas e não houve dificuldade para realização dos encontros. Utilizei o celular para gravar as conversas e fazer imagens.

Dando seguimento, a equipe da PMP entrou em contato para marcar o encontro com uma vítima acolhida pela instituição. A entrevista aconteceu na sede do CEAM, logo depois do

atendimento psicológico dela. Antes de iniciar a gravação, pedi autorização para ligar o gravador e informei que ela não seria identificada pela voz, imagem ou pelo nome verdadeiro.

Duas fontes acrescentadas à matéria foram entrevistadas pelo aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp. Foram elas: o médico e psicólogo, João Facchinetti e Ana, uma das vítimas de violência.

Além das entrevistas, também realizei pesquisas relacionadas ao tema, como também, colhi dados de violência a nível regional e nacional. Em 2020, com a chegada da pandemia da covid-19, a violência doméstica foi ainda mais preocupante, isto porque, no início, o isolamento social foi mais rigoroso no Brasil.

Campanhas foram criadas para que as mulheres que estivessem dentro de casa com os próprios agressores se sentissem seguras em denunciá-los. Uma delas foi destacada na reportagem, onde um vídeo foi divulgado pelo Instituto Maria da Penha para alertar a sociedade brasileira a se atentar às vítimas que estavam em quarentena com companheiros violentos.

Também acrescentei dados sobre o feminicídio em Alagoas, que estão disponibilizados no site da Secretaria de Segurança Pública do estado, como também, adicionei dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

4.3 PRODUÇÃO

4.3.1 Equipamentos

As entrevistas foram gravadas em áudio com o próprio celular. Também fiz anotações que contribuíram com o desenvolvimento textual. De forma que barateou os custos, não tive como adquirir outros equipamentos. A produção foi realizada de forma simples, porém, com a preocupação de captar o melhor conteúdo para realizar um trabalho bem feito, apesar da ausência de verba.

Utilizei apenas o celular, um iPhone 7, 128gb, um bloquinho e uma caneta.

4.3.2 Entrevista

Após definir a pauta e da realização de todo processo de pré-produção, realizei as entrevistas com fontes e personagens que fizeram parte da história contada na grande reportagem multimídia. A escolha de cada fonte aconteceu por se tratarem de representantes de organizações importantes em Alagoas, como também por ter feito pesquisas sobre o tema, especificando também, das ações que acontecem em nosso estado; de fontes especialistas em violência contra mulher e feminismo, bem como as fontes que sofreram violência doméstica para retratar os momentos que passaram e como puderam superar o ciclo violento.

Cleide Floresta, Ligia Braslauskas e Magaly Prado (2009) explicam que a melhor opção para se realizar entrevista é pessoalmente, mas isso depende da disponibilidade do entrevistado e do tempo que o repórter tem para entregar a matéria dentro do prazo final (*deadline*). Quando ocorre de não ser pessoalmente, as outras opções são: por e-mail, telefonema, e agora, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp.

Durante a conversa, mostre sempre interesse no que está sendo falado. Uma forma de a pessoa perceber que realmente é ouvida é quando o repórter formula uma pergunta tendo como base o que acabou de ouvir – é o que chamamos de “gancho”. O jornalista precisa ter em mente que suas anotações são um guia para entrevista, mas, a partir do que o entrevistado diz, muita coisa vai mudando. (FLORESTA, 2009, p. 106).

Para desenvolver a reportagem, a maioria das entrevistas foram feitas pessoalmente e os áudios foram gravados por celular. Já as que não puderam ser pessoalmente, foram realizadas pelo WhatsApp com respostas por meio de áudio.

Belmira Magalhães, professora/doutora especialista em violência de gênero e João Facchinetti, médico/psicólogo, são as fontes especialistas escolhidas para tratar do tema na reportagem e as demais personagens são: a major Danielli Assunção, comandante da PMP/AL; Júlia Nunes, advogada e fundadora da associação AME; Janaína Ribeiro, diretora de comunicação do MPEAL e idealizadora da campanha Agosto Lilás do órgão; e duas vítimas que tiveram suas identidades preservadas por questões de segurança.

4.4 PÓS-PRODUÇÃO

4.4.1 Redação

A produção do meu texto iniciou assim que finalizei as entrevistas e colhi as informações necessárias para compor a reportagem. Também realizei pesquisas sobre os dados relacionados ao tema no Brasil e em Alagoas, colhidos pela SSP, e Fórum Brasileiro da Segurança Pública, como também trouxe questões históricas sobre a violência contra a mulher, feminismo e a luta no combate à violência.

Por se tratar de um tema que traz sensibilidade e também por conta dos depoimentos das vítimas, precisei me preocupar em não os retratar de forma seca ou com pouca sensibilidade, por respeito a elas. Escrevi os relatos de forma simples, seguindo o que foi contado a mim, por elas, durante a entrevista, para levar emoção e verdade, empatia e, sobretudo, indignação pois o tema trata-se de crimes cometidos contra mulheres.

4.4.2 Edição

Para edição do texto e de toda a reportagem, contei com a orientação da professora e doutora, Laís Falcão.

No jornalismo, o profissional responsável por essa ação é o “editor”, que analisa o conteúdo e faz os ajustes necessários. Desde o direcionamento da reportagem, a ordem dos subtítulos, ortografia, elementos multimidiáticos, título, para publicação final a reportagem.

4.4.3 Produção Visual da Reportagem

As mídias escolhidas para a reportagem também foram pensadas durante todo o processo de definição do tema, composição da pauta e entrevistas. As imagens das entrevistadas para ilustrar suas falas e compor a matéria.

Já a imagem principal, que aparece assim que a reportagem carrega na internet, foi produzida no bairro histórico do Jaraguá onde convidei minha irmã e quatro amigas (Juliana Larissa, Natália Dias, Jéssica Demézio e Beatriz Oliveira) para representar a força feminina e a

união entre as mulheres, já que o título começa com “Luta que se fortalece”. A foto recebeu edição e um efeito na cor lilás para não destoar da paleta de cores definida.

Figura 1 – Imagem registrada para a capa do hotsite uniu cinco mulheres.



Foto: arquivo da autora.

Ainda sobre as fotos e imagens escolhidas, também há duas que são informativas. Criei, com ajuda do site de design Canva, imagens que descrevessem os tipos de violência que existem e atingem as mulheres.

Tipos de violência contra a mulher

FÍSICA

Qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher.

- > Espancamento
- > Estrangulamento ou sufocamento
- > Atirar objetos, sacudir e apertar os braços
- > Lesões com objetos cortantes ou perfurantes
 - > Ferimentos causados por queimaduras ou arma de fogo
 - > Tortura

SEXUAL

Qualquer conduta que a constranja a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada.

- > Estupro
- > Obrigá-la a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa
 - > Impedir uso de métodos contraceptivos ou forçá-la a abortar
 - > Forçar matrimônio, gravidez ou prostituição
- > Limitar ou anular seus direitos sexuais e reprodutivos

PSICOLÓGICA

Qualquer conduta que cause dano emocional.

- > Ameaça
- > Constrangimento
- > Humilhação e manipulação
- > Isolamento, vigilância constante, perseguição
 - > Insultos
 - > Chantagens

MORAL

Qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

- > Acusar mulher de traição
- > Emitir juízos morais sobre a conduta
- > Fazer críticas mentirosas
- > Expor a vida íntima

PATRIMONIAL

Qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição de objetos, instrumentos de trabalho, documentos, bens, valores e recursos econômicos.

- > Controlar o dinheiro
- > Não pagar a pensão alimentícia
- > Destruir documentos pessoais
 - > Furtos, extorsão ou dano
- > Privar de bens, valores ou recursos econômicos
- > Causar danos a objetos dela ou dos quais ela goste

Fonte: Instituto Maria da Penha

Fonte: arquivo da autora.

Os vídeos acrescentados foram dois: o primeiro foi produzido pelo Instituto Maria da Penha e divulgado durante o período pandêmico para alertar a população da importância em denunciar qualquer tipo de violência durante a quarentena. O vídeo foi acrescentado ao tópico “Fique em casa”.

Figura 4 - Vídeo produzido para conscientizar os brasileiros sobre a violência doméstica na pandemia.

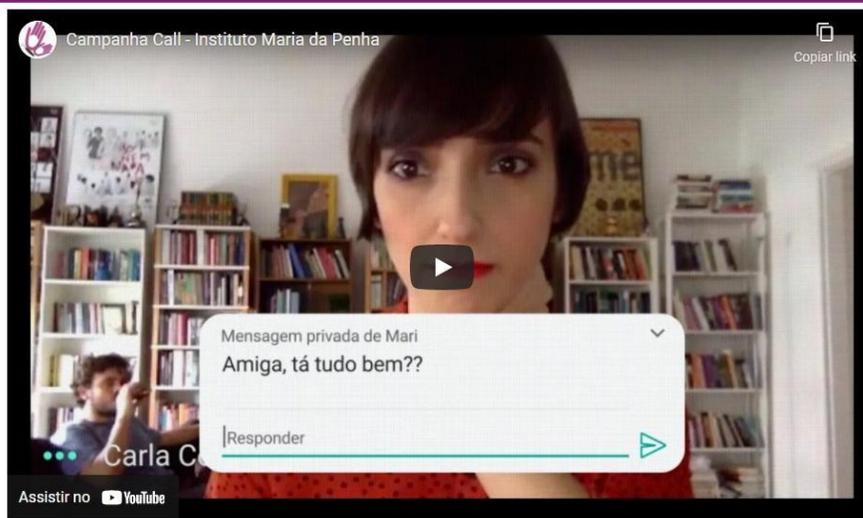


Foto: arquivo da autora.

Também acrescentei, para composição da reportagem, o vídeo feito pelo MPAL em uma das campanhas do Agosto Lilás, onde entrevistaram a irmã de uma vítima de feminicídio. O caso foi amplamente divulgado em Alagoas, devido a agressividade que o criminoso utilizou.

Ainda seguindo com a produção visual da reportagem, foram incluídos dois áudios, um de cada vítima, já que não há registro de imagem (para manter a segurança de ambas). Recortei, das entrevistas, o que mais chamou a atenção, editei para que a voz fosse impedida de ser reconhecida e adicionei ao hot site.

Os infográficos foram produzidos baseados nas informações dos dados dos órgãos de segurança pública. O primeiro mostra o número de mulheres vítimas de violência no Brasil em 2019, o segundo infográfico foi produzido baseado nos dados de feminicídio registrados em Alagoas nos anos de 2019 e 2020. Por fim, também produzi o gráfico que mostra a atuação da Patrulha Maria da Penha nos anos citados.

Figuras 5, 6 e 7 - Infográficos utilizados na reportagem.

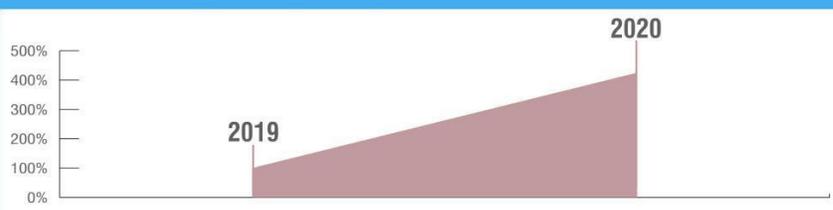


MORTES POR FEMINICÍDIO EM ALAGOAS

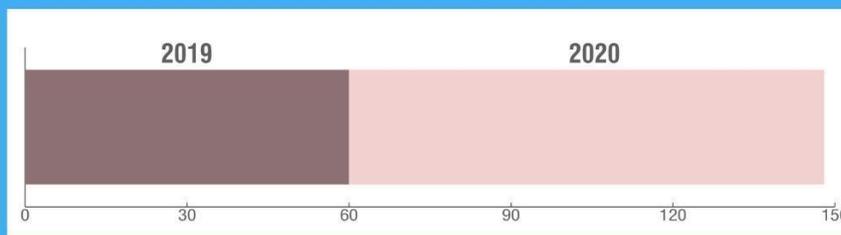


Dados: Estatística Criminal de Alagoas (Secretaria de Segurança Pública)

AUTUAÇÃO DA PATRULHA MARIA DA PENHA (PMP/AL)



MULHERES ASSISTIDAS PELA PATRULHA MARIA DA PENHA (PMP/AL)



Fonte: arquivo da autora.

4.4.4 Web Design

Tão importante como escrever a reportagem, definir a pauta e a mídia que será utilizada é a escolha do web design, pois ele complementa a mensagem que o conteúdo jornalístico quer levar. A paleta de cores padrão que escolhi foi: lilás, branco e preto. O lilás representa respeito, dignidade, seriedade. Além disso, foi a cor escolhida para a campanha “Agosto Lilás”. A cor foi adotada por sufragistas em 1908, na mobilização pelo direito ao voto. O movimento feminista, na década de 70, adotou a cor como “nova síntese do rosa e azul” para representar a igualdade entre homens e mulheres. Há também versões históricas que dizem que, no dia 8 de março de 1857, as mulheres operárias da fábrica de tecidos de Nova York, mortas por lutarem por direitos, estava tingindo a tonalidade.

Já as cores branco e preto foram escolhidas para combinar com o lilás. O branco foi mais utilizado nas fontes dos títulos de cada subtítulo e no fundo do hotsite, já o preto, é a cor predominante da fonte que utilizei para o texto da reportagem.

No geral, o hotsite foi desenvolvido para ser utilizado como ferramenta simples de navegação. Escolhi um template pré-pronto do Wix, o que facilitou o desenvolvimento do site, pois não tenho experiência, como já havia dito, com criação de novas páginas de web.

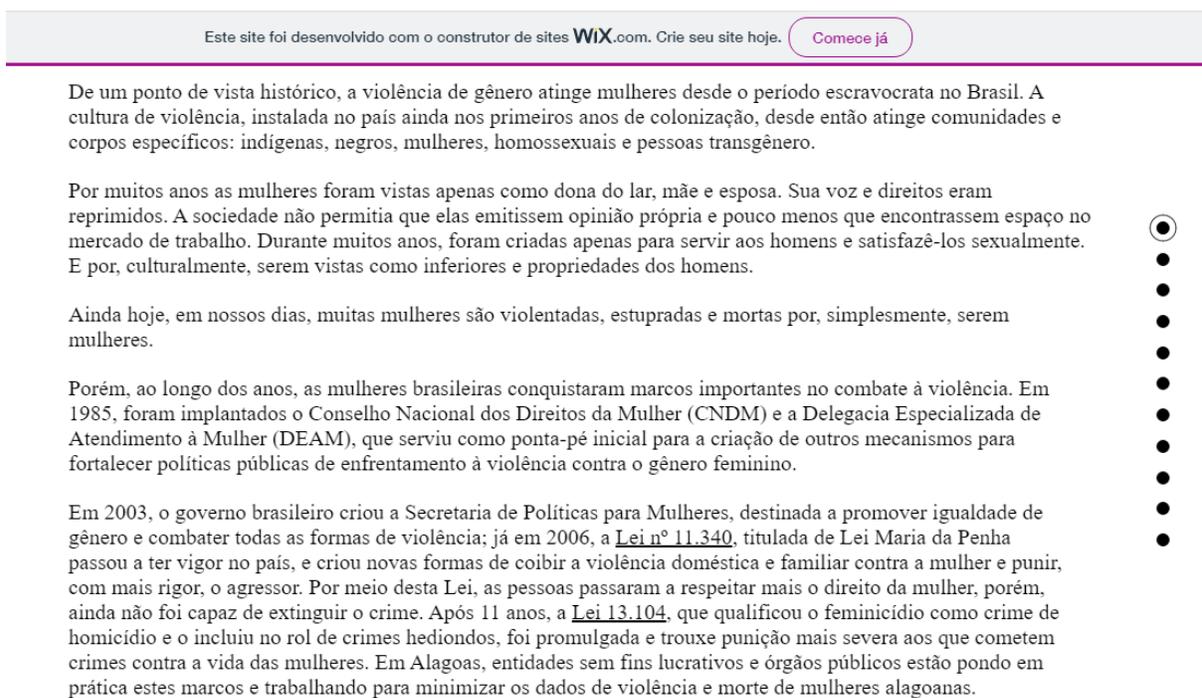
O designer da faixa principal, onde está incluso o título da reportagem, adicionei a foto tirada com a ajuda de cinco mulheres (figura 1), com efeito na cor lilás transparecido para seguir o padrão da paleta de cores. No título “Luta que se fortalece” utilizei a fonte DIN Neuzeit Grotesk, tamanho 90, para dar destaque. Já na continuidade do título “Alagoas avança na busca pelo enfrentamento à violência doméstica contra a mulher” a fonte foi Corben, tamanho 25. Na faixa adicionei o efeito rolagem para dar um efeito dinâmico à página.

Utilize um design também pensado para facilitar as ações do usuário, optando por fontes e imagens harmonizadas e mantendo a disposição coerente dos elementos. Também deve-se considerar a forma como a identidade visual da marca é apresentada, facilitando a compreensão do usuário a respeito da empresa, seu segmento e o que ela tem a oferecer. (INTERNET INNOVATION, 2021, p. 1).

Para o texto da matéria, utilizei a fonte Times New Roman no tamanho 20. O alinhamento à esquerda facilita na leitura para que não haja confusão ao leitor. Ao lado, acrescentei o menu

âncora que ajuda na acessibilidade, caso queira subir ou descer para um subtítulo específico. O menu fica do lado direito e pode ser clicado a qualquer momento.

Figura 8 - Texto e menu âncora.



Este site foi desenvolvido com o construtor de sites **WIX**.com. Crie seu site hoje. [Comece já](#)

De um ponto de vista histórico, a violência de gênero atinge mulheres desde o período escravocrata no Brasil. A cultura de violência, instalada no país ainda nos primeiros anos de colonização, desde então atinge comunidades e corpos específicos: indígenas, negros, mulheres, homossexuais e pessoas transgênero.

Por muitos anos as mulheres foram vistas apenas como dona do lar, mãe e esposa. Sua voz e direitos eram reprimidos. A sociedade não permitia que elas emitissem opinião própria e pouco menos que encontrassem espaço no mercado de trabalho. Durante muitos anos, foram criadas apenas para servir aos homens e satisfazê-los sexualmente. E por, culturalmente, serem vistas como inferiores e propriedades dos homens.

Ainda hoje, em nossos dias, muitas mulheres são violentadas, estupradas e mortas por, simplesmente, serem mulheres.

Porém, ao longo dos anos, as mulheres brasileiras conquistaram marcos importantes no combate à violência. Em 1985, foram implantados o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e a Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), que serviu como ponta-pé inicial para a criação de outros mecanismos para fortalecer políticas públicas de enfrentamento à violência contra o gênero feminino.

Em 2003, o governo brasileiro criou a Secretaria de Políticas para Mulheres, destinada a promover igualdade de gênero e combater todas as formas de violência; já em 2006, a [Lei nº 11.340](#), titulada de Lei Maria da Penha passou a ter vigor no país, e criou novas formas de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e punir, com mais rigor, o agressor. Por meio desta Lei, as pessoas passaram a respeitar mais o direito da mulher, porém, ainda não foi capaz de extinguir o crime. Após 11 anos, a [Lei 13.104](#), que qualificou o feminicídio como crime de homicídio e o incluiu no rol de crimes hediondos, foi promulgada e trouxe punição mais severa aos que cometem crimes contra a vida das mulheres. Em Alagoas, entidades sem fins lucrativos e órgãos públicos estão pondo em prática estes marcos e trabalhando para minimizar os dados de violência e morte de mulheres alagoanas.

Foto: arquivo da autora.

Para os intertítulos foram criadas faixas com os títulos na fonte Corben, tamanho 45 com efeito rolagem ativado e para ilustrar uma imagem de mulheres com as mãos dadas para o alto.

Figura 9 - Faixas também foram incluídas ao hotsite.



Em 2020, esta foi a mensagem mais proclamada mundialmente durante a pandemia do Coronavírus (Covid-19). Apesar de ser a medida mais segura para conter a disseminação da doença, para muitas mulheres, a quarentena acabou sendo sinônimo de dor e aflição. Muitas delas precisaram permanecer por vários dias, sem poder sair de casa, com os próprios agressores e isto resultou na diminuição do número de denúncias em delegacias e medidas protetivas de urgência concedidas, em paralelo, as ligações telefônicas por meio do 180 (canal de atendimento à mulher) cresceram em 27%, comparado ao ano passado. É o que aponta as notas técnicas emitidas pelo FBSP entre os meses de março e abril que coletou dados de 12 estados, sendo eles: São Paulo, Rio de Janeiro, Acre, Minas Gerais, Espírito Santos, Amapá, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

Foto: arquivo da autora.

As citações das fontes, como também das personagens, foram destacadas. Na citação das fontes acrescentei as imagens delas.

Figuras 10 e 11 - Citações das fontes.

Foto: Thalita Chargel

“

A nossa sociedade, no geral, e principalmente o Brasil, é machista e conservadora, e é isso que provoca toda série de agressões contra mulher. A sociedade consente com os maus tratos à mulher, é como se fosse uma coisa natural, porém, quando as violências atingem o grau máximo, quando chega no feminicídio e leva a morte, é demais.

Belmira Magalhães (professora)

A photograph of Belmira Magalhães, a woman with short brown hair and glasses, wearing a black top and a blue denim vest. She is seated at a table and appears to be speaking or gesturing during a meeting. In the background, there is a banner for "ADUFAL" (Associação dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas) and a logo for "AJ" (Associação dos Jornalistas).



Foto: arquivo da autora.

Com o objetivo de proporcionar mais ferramentas de multimídia ao leitor, também acrescentei a ferramenta de geolocalização do CEAM para facilitar o acesso à localização do centro que acolhe mulheres vítimas de violência.

Figura 11 - Ferramenta de geolocalização.



Foto: arquivo da autora.

Acrescentei também vídeos que podem ser reproduzidos a qualquer momento, com um clique.

Figura 12 - Vídeos podem ser reproduzidos no site da reportagem.

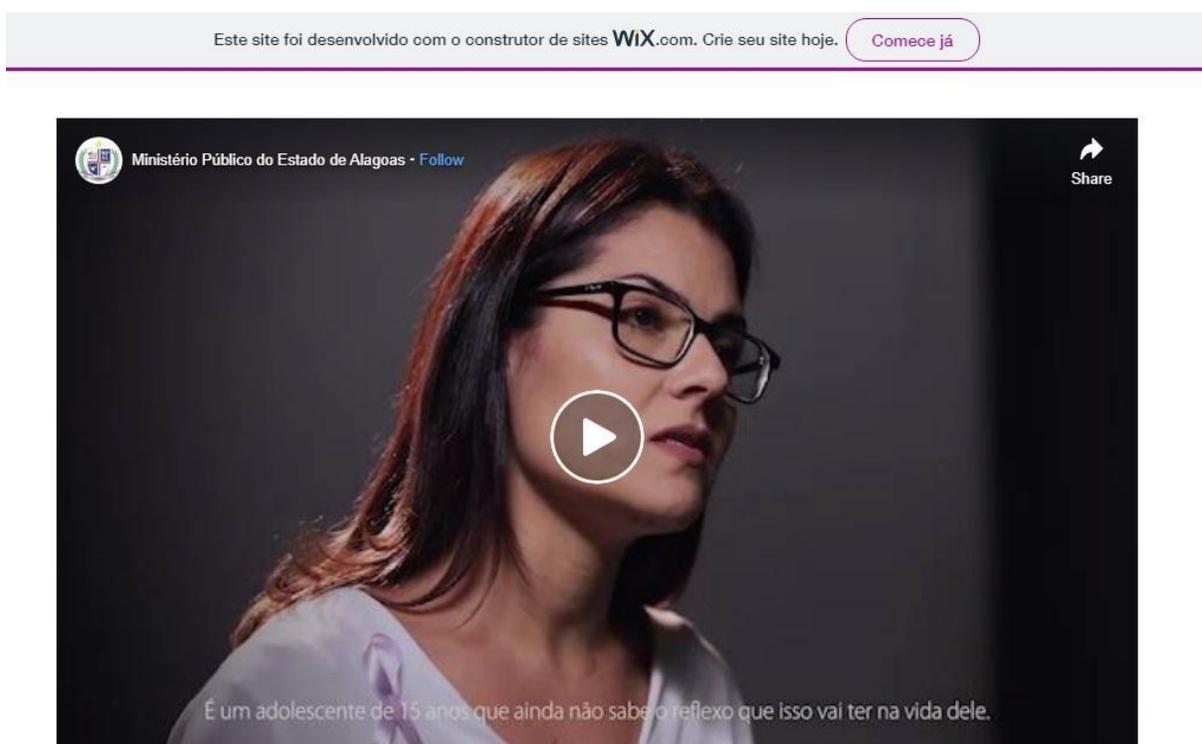


Foto: arquivo da autora.

4.4.5 Publicação

Todo material e texto desenvolvidos foram publicados no Wix.com.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Abordar o tema desta reportagem contribui para que a sociedade entenda a importância de debater a problemática das várias formas de violência contra a mulher, que pode ocorrer em qualquer lugar, em diferentes classes sociais, religião, etnia, até onde menos imaginamos: mulheres podem estar sendo vítimas de violência. Enquanto mulher e mãe, sinto-me na obrigação de falar sobre o assunto e levar este trabalho à publicação e isto, sem dúvidas, me traz o sentimento de ter feito a minha parte, mesmo que pequena, contribuindo neste debate.

Minha própria mãe foi vítima de violência por anos. Era espancada quase diariamente pelo falecido esposo e não tinha como se livrar do ciclo de violência por falta de conhecimento, apoio da família e principalmente pela ausência do poder público. Ela não se sentia segura com a ideia de procurar ajuda em uma delegacia porque, para ela, seria perda de tempo já que não resolveriam o problema. E nos dias de hoje pesquisar sobre os avanços que o estado de Alagoas tem demonstrado no combate à violência doméstica é explicar aos alagoanos, em especial, às alagoanas que há esperança e que vale a pena sim levar a denúncia até o fim e esperar que a Justiça estabeleça a ordem.

Desenvolver esta grande reportagem multimídia foi essencial para o fechamento de um dos ciclos do meu desenvolvimento profissional, e pude levar às cidadãs do estado informações e dados essenciais para o combate à violência doméstica.

No geral, produzir a reportagem requereu muita dedicação, trabalho e empenho da minha parte. As maiores dificuldades foram encontrar vítimas que aceitassem participar do projeto, a criação do hotsite, pois precisei criar do zero sozinha e deu um verdadeiro trabalho.

Embora o Wix seja uma ferramenta menos complicada, comparada às outras, confesso que não entendo muito das tecnologias, criação e desenvolvimento de site, mas finalmente consegui, orientada pela professora e doutora Laís, organizá-lo e padronizá-lo conforme deve ser feito.

Fiquei muito feliz em ter percebido, conforme a escrita da reportagem, que escolhi as fontes certas para o desenvolvimento do trabalho. Cada um teve sua contribuição, onde um tópico encaixou com o outro e gerou o desfecho.

Ainda houve também a inclusão de um novo tópico, que eu jamais imaginaria precisar fazer. O “Fique em casa”. A pandemia da covid-19 não trouxe apenas um problema de saúde ao mundo, ela acentuou os casos de violência doméstica, principalmente, no período em que o isolamento social,

no Brasil, estava mais rigoroso. O que gerou preocupação entre os órgãos de segurança e de associações que recebem mulheres vítimas de violência. Neste período foram criadas campanhas para incentivá-las a denunciar, como também, aos vizinhos e amigos que percebessem movimentações e atitudes diferentes que demonstrasse a violência sendo executada dentro dos lares.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar o curso de jornalismo falando sobre o trabalho de importantes associações e organizações que acolhem mulheres me traz um enorme orgulho. Espero que ele seja porta de entrada para a liberdade de muitas mulheres alagoanas que sofrem qualquer forma de abuso.

Durante os quatro anos do curso na universidade, tive a oportunidade de desenvolver diversos trabalhos, mas este, sem dúvidas, é o maior e mais importante deles: é o último trabalho que criei, produzi e finalizei. Coloquei em prática todas as teorias aprendidas nos primeiros semestres e com a experiência que obtive nos estágios me sinto pronta para seguir a profissão de forma honrosa e ética.

Sabemos que a forma de noticiar tem mudado ao longo dos anos, a escolha do formato em multimídia é para trazer o leitor a imergir na temática disponibilizando um leque de materiais que fazem com que ele interaja com o texto conforme a leitura, já que vivemos em um século completamente tecnológico e comunicativo – devido às redes sociais.

Proporcionar ao leitor a experiência de receber este conteúdo, da forma que foi entregue, demandou tempo visto que todo o trabalho foi realizado por esta autora: as entrevistas, imagens, design do hot site, formatação do texto, cada detalhe foi pensado e realizado por mim.

No mais, apesar das dificuldades, produzir o hot site trouxe uma experiência positiva já que pretendo continuar realizando o trabalho de informar, agora como uma jornalista, por meio da internet.

Todo o trabalho serviu como aprendizado, apesar do pouco recurso, mas com a dedicação que um TCC requer. O tema escolhido por mim também pediu um pouco mais de delicadeza, sensibilidade e empatia para com as vítimas durante minha escrita; ele também me causou ainda mais indignação por parte de agressores que se sentem donos do corpo da mulher.

É importante apontar também que esta reportagem visa contribuir para o desenvolvimento do jornalismo digital em Alagoas. Um jornalismo centrado em organizações jornalísticas que nos últimos anos demitiram muitos profissionais, depois da greve contra a redução salarial, proposta por empresários que buscam apenas lucrar e não se preocupam com o real papel social do jornalismo.

Muitos destes jornalistas que perderam seus empregos criaram seus próprios projetos de jornalismo independente, entre eles o Mídia Caeté e o Portal Acta, fazem uso da internet como principal forma de divulgação e disseminação de notícias do estado de Alagoas.

Aproveito o espaço também para parabenizar a todas as mulheres que, em todos os estados do país, buscam desenvolver projetos, ações, campanhas para fortalecer outras mulheres e incentivá-las a lutar contra a violência que passam dentro de seus lares.

Mulher, você não está sozinha!

REFERÊNCIAS

BRASIL, *Código Civil*. 7 de agosto de 2006; Lei número 11.340; disponível em <<https://bit.ly/3qxfRYF>>. Acesso em 24 de junho de 2021;

CANAVILHAS, J. *Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web*. Disponível em: <<https://bit.ly/3w5nHdj>>. Acesso em: 28 de jun. de 2021.

CANAVILHAS, J. M. *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/35YbgW1>>. Acesso em: 23 de jun. 2021.

CASTRO, A. *Teorias do Jornalismo, Universidade e Profissionalização: Desenvolvimento Internacional e Impasses Brasileiros*. Fortaleza: XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3qxUDdk>>. Acesso: 24 de jun. de 2021.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. Vitória /ES: Federação Nacional dos Jornalistas, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3w4qGmn>. Acesso em 24 de junho de 2021.

DALMONTE, E. F. *Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência*. Salvador : EDUFBA, 2009.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em <<https://bit.ly/3dpyeJL>>. Acesso em 24 de junho de 2021.

FERRO, V. *As sete características do Webjornalismo*. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2SyxISF>>. Acesso: 23 de jun. de 2021.

FLORESTA, C. *Técnicas de Reportagem e Entrevista: Roteiro para uma boa apuração*, v. 3 / Cleide Floresta e Lígia Braslauskas ; Magaly Prado (org.). São Paulo. Saraiva, 2009.

INTERNET INNOVATION. *Usabilidade e navegabilidade: facilite a interação do usuário e garanta visitas em seu site*. s/l, s/d. Disponível em: <<https://bit.ly/3dnMbYM>>. Acesso: 28 de jun. de 2021.

LONGHI, R. *O Turning Point da Reportagem Multimídia*. Porto Alegre: FAMECOS, 2014.

LONGHI, R. *A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo*. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3AaDlqU>>. Acesso: 24 de jun. de 2021.

MESSIAS, M. *Multimedialidade*. Disponível em <<https://bit.ly/3x2qZiU>>. Acesso em 24 de jun. de 2021.

MIELNICZUK, L. *Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web*. In: 12º Compós - Encontro dos cursos de Pós-Graduação em Comunicação. Recife, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2Udpuj2>>. Acesso: 23 de jun. 2021.

MIRANDA, C. M. M. *Mobilização das mulheres em enunciados de jornais brasileiros (1979-1988)*. Porto Alegre. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2UO839l>>. Acesso: 24 de jun. 2021.

PINTO, C. R. J. *Feminismo, história e poder*. Revista de Sociologia e Política. Paraná. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2U6WoSz>>. Acesso em: 24 de jun. de 2021.

PRADO, M. *Webjornalismo*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

ANEXOS

PAUTA
Data: 02/01/2021
Nome do pauteiro (produtor): Joyce Marina
Nome do editor: Joyce Marina
Nome do repórter: Joyce Marina
Retranca: Violência/Mulher
Tema: Luta que se fortalece: Alagoas avança na busca pelo enfrentamento à violência doméstica contra a mulher
Gancho: A violência contra a mulher está presente em diversos lares no país. No Brasil, entre os anos de 2017 e 2018, mais de 4.500 mulheres foram vítimas de feminicídio (homicídio cometido contra o gênero feminino motivado por violência doméstica ou desigualdade de gênero). Em Alagoas, medidas preventivas com o objetivo de reduzir número de vítimas vêm crescendo ao longo dos anos, entre elas: A Patrulha da Maria da Penha (PM/AL); a Associação Para Mulheres (AME), projeto criado para fortalecer o público feminino vítima de violência e campanhas do Ministério Público Estadual (MPE/AL).
Relevância/objetivo: O objetivo da pauta é entrevistar responsáveis que buscam contribuir na redução da violência contra a mulher (citados acima) para entender e divulgar o trabalho realizado por estes, como também apresentar resultados dos trabalhos desenvolvidos; apresentar dados de feminicídio em Alagoas com base nos números da Secretaria de Segurança Pública; entrevistar também mulheres vítimas de violência; encorajar o público feminino a fazer denúncias ao perceber que é vítima.
Dimensões de abordagem e procedimentos para o repórter: O tema deve ser abordado em dois aspectos: apresentando a problemática através dos casos e dados oficiais, ao tempo em que mostrará de que forma o estado e instituições se engajam na luta para combater a problemática.
Fontes oficiais (nome, cargo, telefone, e-mail): PM/AL – Patrulha Maria da Penha (Ascom: Eugênio 99626-0549 / Oficial responsável: Major Márcia Danielli 99644-7431) Ministério Público Estadual (Ascom: Janaína Ribeiro – 99998-9055) Associação AME (Júlia Nunes: 99630-1008)

Fontes cotidianas (personagens, cidadãos, pessoas afetadas etc):

- 1- Vítima de violência doméstica assistida pela Patrulha Maria da Penha;
- 2- Vítima de violência, cujo relacionamento encerrou-se, porém não obteve ajuda do estado.

Fontes especialistas (nome, cargo, telefone, e-mail):

Belmira Magalhães brcmagalhaes@gmail.com (socióloga)

João Facchinetti (82 9321-3757)

Fontes documentais (nome do documento, instituição, link):

Secretaria de Segurança Pública (SSP/AL): <http://seguranca.al.gov.br/estatisticas/>

Mapa da Violência: <https://www.mapadaviolencia.org.br/>

Sugestões de perguntas: para as fontes cotidianas/afetados/personagens:

No caso de mulher vítima entrevistada: quando percebeu que o companheiro estava se tornando agressivo? Quais foram os primeiros sinais? Quais tipos de agressão sofreu? Procurar a polícia trouxe mais segurança? Procurou ajuda psicológica? Como conseguiu se livrar do relacionamento abusivo? Recebeu ajuda da Polícia de Alagoas?

Para as fontes especialistas: Como identificar um agressor? Em qual momento a mulher deve procurar a polícia? A agressão física é o único crime que um homem pode cometer contra a sua companheira? Qual a importância da igualdade de gênero para o combate ao crime contra a mulher? O homem deve, desde cedo, ser ensinado que mulher não é propriedade dele? Apesar do estado apresentar redução no número de crimes, ainda há um longo caminho a percorrer para evitar de vez o assassinato contra mulheres? Por que muitas mulheres optam por não denunciar o agressor? Por que muitas vítimas ainda evitam procurar delegacias para prestar queixa?

Sugestões de mídias: Áudios das entrevistas, link de vídeos utilizados em campanhas, fotos dos entrevistados, gráficos com números de feminicídios no país e no estado, de mulheres vítimas de violência...